

Diretas virão

porque Governo está dividido

As contradições do regime acabão levando os detentores do poder a restabelecer as eleições diretas. Há sinais evidentes de que o Governo Federal, ou o núcleo do sistema político que o controla, está dividido entre dois caminhos — não fisicamente, mas psicologicamente ambivalente. As mesmas pessoas que formulam as condutas e estratégias oficiais têm vacilado entre duas hipóteses de trabalho, por duvidarem da eficácia de ambas. Querem, ao mesmo tempo, vencer no Colégio Eleitoral e conspirar para a ruptura da legalidade se a vitória de Maluf se confirmar como impossível.

Esse é o pensamento do deputado Ibsen Pinheiro, um dos líderes do grupo Só Diretas, do PMDB, que vê como alternativa definitiva para resolver os problemas institucionais do país, sem esmagar os "donos do poder", a implantação do parlamentarismo, com consulta popular. Ibsen acha que Tancredo Neves possa mandar essa transição de regimes e defende, para o próximo Governo, uma reorganização partidária que permita, também, a legalização das organizações clandestinas, como forma de se fortalecer o projeto democrático.

O deputado não acredita que, na hipótese do Governo decidir-se pela implantação do parlamentarismo, as Forças Armadas venham intervir no processo porque estes não convêm ao país. "As Forças Armadas, pelo que se percebe, convenceram-se de que está na hora de saírem de cena. Na hora extrema, pois um pouco mais de permanência poderá resultar numa contaminação absoluta e irreversível", comenta ele, acrescentando que, isso ocorrendo, seria desagradável, sobretudo, para os próprios militares. "Não quero imaginar um jovem oficial, idealista e sonhador, ter que acostumar-se à idéia de ser um sustentáculo de um político do estilo do Paulo Maluf".

Ibsen Pinheiro ainda acredita que o Governo venha a restabelecer as eleições diretas, com parlamentarismo, porque "os estrategistas oficiais verão que será essa a única saída", uma vez que atenderá aos visíveis anseios do povo, refletidos também, no seu entender, em três quartos dos parlamentares no Congresso e, ainda, porque, com isso, "se evitaria os riscos que o Governo enfrenta de perder no Colégio Eleitoral, o que é bem possível de ocorrer, e representaria um fiasco inominável, além de uma nódoa imperecível na biografia do Presidente". O deputado acha também que "o jogo que se vem fazendo para eleger o candidato Paulo Maluf, onde tudo vale, desde o aliciamento à intimidação, somente levará o Governo a um esvaziamento maior, distanciando-o ainda mais do povo, que é a única e segura sustentação de um regime".